

## RELATÓRIO

### contato com os Lacondê

Visitei a região nambiquara entre os dias 21/7/77 e 30/7/77, passando os primeiros quatro dias na Escola Nambiquara do Sul, e o restante do tempo com uma pequena expedição destinada a reafirmar o contato estabelecido pouco tempo antes com um grupo arredio que mora ao oeste de Vilhena, Rondônia. Pelo presente, coloco à disposição do órgão competente algumas informações adquiridas durante esta viagem.

#### A. OS NAMBIQUARA

##### 1. Saúde.

Um ligeiro estudo demográfico leva a conclusões que podem ser caracterizadas como cautelosamente otimistas. Em 1975, o primeiro ano do Projeto Nambiquara, houve equilíbrio entre os nascimentos e as mortes. Esta situação já era melhor do que nos anos

	1975		1976		1977, até 30/7	
	Nasc.	Mort.	Nasc.	Mort.	Nasc.	Mort.
Vale	12	-	11	8	11	7
Campo	5	-	4	5	3	3
Norte	6	-	6	6	8	3
TOTAL	23	23	21	19	22	13
SALDO	0		+2		+9	

que imediatamente precederam o início do Projeto, quando havia um saldo negativo que girava em torno de -8 por ano. Mas desde o começo de 1976, houve um aumento de 11, o que significa uma taxa de crescimento de 01,3% por ano. A população agora é 561, com 184 no Vale do Guaporé, 186 no Campo, e 194 (incluindo o grupo novo) no Norte.

Infelizmente, a situação não é tão boa quanto parece. Dentre as mortes ocorridas nos últimos 19 meses, cujas causas foram documentadas, 10 são atribuíveis a doenças respiratórias, 5 a malária, 2 a problemas gastro-intestinais, 1 a sarampo, 1 a anemia, e 1 a acidente. Comparando estes dados com a situação prévia, percebe-se que as mortes devidas ao sarampo e doenças

gastro-intestinais diminuíram como resultado do programa de vacinação e o tratamento frequente de parasitos intestinais, mas que as doenças respiratórias continuam a ocupar o primeiro lugar, e que a ameaça da malária continua a crescer.

Das 32 mortes ocorridas nos 19 meses, 25, ou 78%, foram crianças. Assim, o pequeno aumento da população é extremamente precário. Uma forte epidemia de gripe nas próximas chuvas pode levar a vida de quase todas as crianças que nasceram nos últimos dois anos, apesar de todas as esforços dos três Chefes de Posto e duas Técnicas de Enfermagem. Não se pode dizer que uma população goza de boa saúde quando a causa da morte mais frequente é o complexo de complicações decorrentes do resfriado comum, e quando quase 80% dos falecimentos ocorrem na infância. Os médicos da FUNAI, com grande experiência em epidemiologia de populações indígenas, talvez poderiam fornecer uma orientação que tornaria mais eficaz a atuação do pessoal do Projeto, no combate da gripe.

## 2. Educação.

A situação da educação é extremamente animadora. A escola Nambiquara, que funciona somente durante as secas, quando os índios dispõem de tempo para assistir, abriu pela terceira vez este ano. Foram construídas duas salas de aula no Posto Nambiquara do Campo, e mais duas na aldeia Mamaindê. Compareceram à Escola Nambiquara do Sul aproximadamente 80 alunos, e à Escola Nambiquara do Norte (na aldeia Mamaindê) aproximadamente 30. Atendendo às solicitações dos índios, aulas de português e matemática foram acrescentadas ao currículo este ano. A Escola Nambiquara do Norte sofreu prejuízos pela irrupção de epidemia de sarampo na aldeia Mamaindê, mas a Escola Nambiquara do Sul funcionou mais de dois meses sem graves problemas. Atualmente, há aproximadamente 20 índios que sabem ler e escrever em sua própria língua com toda facilidade, alguns destes sendo treinados para serem monitores bilíngües, e mais 20 que estão alfabetizados o bastante para mandar e receber recados simples. Meia dúzia sabe datilografar muito bem; vários dentre os mais novos estão chegando a controlar o português de uma maneira razoável, e alguns já conseguem somar e subtrair.

## 3. Terras.

O ano passado, o Subcoordenador do Projeto, Ariovaldo José dos Santos, levou o Mineiro e Lourenço a Brasília, para resolver os seus problemas na presença do Presidente da FUNAI.

O Mineiro, que ocupava terras encravadas na Reserva, às quais tinha título legal, desde antes da criação da mesma, tinha um processo na FUNAI, procurando resolver a sua situação, desde 1969. Lourenço é um índio nambiquara, inteligente, com bom português e uma certa habilidade retórica. Perante o Presidente, foi resolvido que o Mineiro seria indenizado e iria embora da Reserva até o fim do ano. Depois deste acontecimento, o Mineiro (cujo nome é Ademar Geraldo Pereira César, se lembro bem) voltou a Brasília, sozinho, várias vezes, e no seu regresso ficava muito animado, dizendo que tinha entendimentos com o Dr. Getúlio Barros Bareto, o Procurador Geral da FUNAI, e que iria ganhar a questão.

No dia 08 de maio deste ano, quando Ariovaldo estava no norte, em Campos Novos, entrou na parte sul da Reserva um tal de Nelson Moreira, que mostrava cartões pessoais muito bonitos, que incluíam, entre os numerosos lauréis ao portador, o fato de ele ser Editor da Tribuna da Imprensa de Brasília.\* Ele alegou ser, desde os tempos da falida Globo Continental, dono de 59.000 ha na parte sul da Reserva. Disse ser o Mineiro o seu administrador na área, fato este que o Mineiro estranhamente omitiu a qualquer pessoa até agora. O documento, proferido como evidência desta relação, tinha datas velhas escritas com tinta nova. O Dr. Nelson disse que ia voltar à área e estabelecer-se nas "suas" terras; que os índios teriam que ficar para o norte de Barracão Queimado, e que ele ia dar um prazo para a FUNAI retirar os índios de lá. Ele disse que depois de 15 dias o seu filho ia entrar para começar a abrir a sua fazenda. Ele fez especial questão de co-optar ao Lourenço, dando-lhe um documento de duas laudas, muito bonito, enumerando os benefícios aos índios da sua futura presença na região.

Depois de dois dias, Ariovaldo chegou. Ele, informado da situação, disse a Lourenço, que mora na entrada da Reserva, que ele deve mandar quem quiser que entrasse na Reserva ir falar com ele. Com mais dois ou três dias chegou o Dr. Nelson, que mostrou títulos, dos quais Ariovaldo conseguiu fotocópias em Vilhena. Ele disse que a FUNAI era invasora em suas terras, e deu um prazo de 60 dias para a FUNAI retirar-se da área. Quando Ariovaldo ofereceu outra interpretação do assunto, ele disse que ia processá-lo por prejuízos sofridos em consequência de Ariovaldo ter-se excedido em suas atribuições profissionais.

---

\* Os meus amigos jornalistas asseguram-me que a Tribuna da Imprensa de Rio de Janeiro é jornal conhecido, mas que a Tribuna da Imprensa de Brasília não existe.

Depois de 15 dias, como prometido, apareceu o filho do Dr. Nelson, um rapaz de aproximadamente 24 anos. Quando chegou, os índios achavam que era o homem que devia lhes entregar o trator que esperavam, e trataram-no bem. Ele pernitoitou com o Mineiro, e antes dele reaparecer, no segundo dia, os índios aprenderam a verdade. Ariovaldo estava outra vez ausente, mas o Chefe de Posto do Vale do Guaporé, Sílbene de Almeida, estava presente, preparando a abertura da escola. Quando o filho do Dr. Nelson apareceu, os índios nem deixaram que ele falasse com Sílbene, e mandaram-no para fora da Reserva, uns 25 km, a pé. Ele foi hospedado por amigos na Fazenda Oeste, em frente à entrada da Reserva. No começo de junho, os índios viram pegadas de civilizado no caminho perto da casa de Lourenço e desconfiaram que o filho do Dr. Nelson tivesse entrado de noite para morar com o Mineiro.

Nesta época, o Mineiro começou a mandar recados a Ariovaldo através de índios que passavam por sua moradia. Estes recados tomaram o tom de que Ariovaldo fosse o intruso em terras que seriam da responsabilidade do Mineiro. Ele preocupou-se especialmente com o fato de 120 índios terem se reunido para assistir à escola, e alegava que o ato de ajuntar tantos índios fosse uma clara provocação por parte de Ariovaldo.

No começo de julho chegaram à Reserva de Jauru, três policiais, sendo um civil, um militar e um escrivão. Eles agiam de acordo com denúncias feitas pelo Dr. Nelson e Mineiro, que insinuaram ser Ariovaldo o líder de um bando de pistoleiros que escondiam-se na Reserva. As suas ordens eram de apreender armas ilegais. Ariovaldo explicou que eles não tinham o direito de atuar dentro da Reserva, mas, para agradar, ele conduziu-os à casa do missionário Eduardo (Edwin Pedersen), que é afeiçoado de armas velhas, e este, ao fim de meia hora, passada em nervosamente revistar gavetas, achou os documentos das suas duas carabinas. Ariovaldo pediu esclarecimentos ao Delegado da 5a DR pelo rádio do Sr. Eduardo, e no mesmo dia, à tarde, recebeu a resposta de que a Secretaria de Segurança, devidamente informada do assunto, solicitou a retirada imediata da polícia não autorizada. Na manhã seguinte, após terem pernitoitado com o Mineiro, os policiais foram informados desta solicitação e retiraram-se da Reserva. Ariovaldo mandou ao Delegado da 5a DR, pelo correio, toda a documentação relevante ao caso.

Domingo, 03/7, enquanto Ariovaldo caçava no mato com os índios que gozavam o dia de folga das aulas, o Mineiro visitou o missionário Eduardo e disse que uma grande turma de empregados

do Dr. Nelson ia chegar até terça-feira, para iniciar a implantação da fazenda. De volta à escola, Ariovaldo encontrou os índios extremamente agitados. Ele comunicou-se com o Delegado pelo rádio do Sr. Eduardo e recebeu ordens de retirar o filho do Dr. Nelson imediatamente, e o Mineiro também, a menos que ele conseguisse aguardar as providências legais da FUNAI sem prejudicar a paz da Reserva. Cumprindo estes ordens, Ariovaldo procurou o filho do Dr. Nelson na casa do Mineiro e levou-o para fora da Reserva. Quando passava pela escola, um grande número de índios, pintados para a guerra, pararam o Jeep e tentaram tirar o rapaz para linchá-lo. A duras penas, Ariovaldo conseguiu dissuadí-los; quando iam embora de novo, um índio descarregou a sua espingarda, e quase acertou. De noite, pela primeira vez em muitos anos, os índios fizeram a dança da guerra.

No outro dia chegou um rádio mais moderado do Delegado, que aparentemente tinha-se comunicado com Brasília. Agora aconselhava que Ariovaldo fizesse o possível para acalmer os índios, porque o caso do Mineiro estava sendo resolvido. Os índios repudiaram estes conselhos, dizendo que já esperaram mais de oito anos as providências da FUNAI. Determinaram um prazo até sábado para o Mineiro sair. Ciente desta situação, o Delegado concordou na necessidade de retirar o Mineiro antes de haver atrito, pela atuação da Polícia Federal, se o Mineiro resistir. Ariovaldo gravou este intercâmbio radiofônico em cassete, e quando tocou-a para o Mineiro, ele concordou em sair.

Infelizmente, o caminhão do Mineiro não estava funcionando. Ariovaldo pagou um mecânico para concertá-lo e arrumou uma bateria. Entretanto, até o fim da semana, ainda não funcionava. Sábado, com o prazo dos índios já vencido, chegou o Coordenador do Projeto Nambiquara, Sr. "Fritz" Tolksdorf, com dois agentes da Polícia Federal, que acompanhavam-no em caráter extra-oficial. Encontraram os índios de novo pintados para a guerra. Numa reunião rapidamente convocada, os líderes aceitaram prorrogar o prazo até quarta-feira (13/7), e o Sr. "Fritz" e a polícia retiraram-se, tendo passado apenas uma hora e meia na Reserva.

Ariovaldo trouxe outro mecânico para trabalhar no caminhão do Mineiro; foi a Vilhena para comprar peças e arrumou 200 litros de gasolina. Só terça-feira o mecânico conseguiu que o caminhão funcionasse, e quarta-feira o Mineiro foi embora. Ele conseguiu levar consigo quase toda a colheita de café deste ano, embora tenha restado um pouco, que os índios aproveitaram. É previsível que ele ainda tentará conseguir indenização da FUNAI. Mas deve

ser levado em conta o valor da colheita de café que ele produziu no lugar mais rico da Reserva, ao longo de oito anos. Será que ele tem direito a indenização maior do que isto?

Menos de nove anos depois de sua criação, quase todos os Nambiquara do Campo e do Norte já moram dentro da Reserva. Dos índios do Campo, somente os de Tirecatunga, que preferem ficar perto da missão de Utiariti, permanecem fora da Reserva; e até uma família deste grupo já está morando na Reserva há vários meses. Todos os Nambiquara do Norte, a não ser o índio Mussolini e sua esposa, que continuam morando no Seringal de Faustino, mudaram para as terras reservadas. O Chefe de Posto Marcelo dos Santos merece elogios especiais por ter promovido estas mudanças de uma maneira muito inteligente; cada facção tendo estabelecido o seu próprio sítio, o que deve minorar, no possível, a fricção entre os grupos. Este grande trabalho foi feito em apenas um ano e meio, apesar de oito ataques de malária e apêndice estourada.

É importante frisar que a aceitação da Reserva pelos Nambiquara do Campo e os Nambiquara do Norte é relacionada com o fato dela incluir partes das suas terras tradicionais. Assim, os Mamaindê e Nagarottu mudaram para partes dos seus territórios tradicionais que ficavam na Reserva, e os haló:tésú mudaram para a parte da Reserva mais perto das suas terras tradicionais, das quais ainda tiram uma parte da sua subsistência.

Os índios do Vale do Guaporé, entretanto, que rejeitam o rótulo "Nambiquara" e preferem o nome Manáirissu, ainda não têm terras reservadas. O Chefe de Posto da região, Sílbene de Almeida, possui uma comunicação da FUNAI declarando a intenção de fazer demarcação administrativa de quatro pequenas áreas. Mas nada foi feito até agora, e com o início das chuvas em menos de dois meses, nada espera-se este ano. O que é que a FUNAI espera para garantir as terras aos índios desta região?

## B. A ALDEIA NOVA

Em 20/11 do ano passado, a antropóloga da FUNAI Delvair Melatti sobrevoou uma pequena aldeia no oeste de Vilhena, que ela concluiu ser Nambiquara (1976a, 1976b). Em junho deste ano, o Capataz Rural Jorge Falca foi informalmente designado encarregado da operação de contato. Ele entrou na floresta para tal finalidade, acompanhado por cinco índios Aikanã e um seringueiro; ele não lembra as datas exatas da expedição, nem escreveu relató-

rio, mas sabe que passou as festas joaninas no mato. Após cinco dias, ele encontrou a aldeia procurada, cujos habitantes tremiam de medo mas formaram-se numa frágil linha de defesa para proteger os seus lares. Ele e os companheiros dormiram no campo, e em outro dia conseguiram uma aproximação, comprovada por algumas fotografias, mal reveladas, do Sr. Jorge abraçando os índios. O grupo nunca deixou os forasteiros entrar em sua aldeia e o Sr. Jorge não lembrou se os homens tinham o nariz e lábio superior furados, mas afirmou que os Aikanã não entenderam a sua língua, a qual devia ser Nambiquara, pois ele reconheceu "o jeito deles falarem." Disse ter contado 10 homens e 8 mulheres, além de prováveis crianças, que ele não viu.

Sexta-feira, 22/7, Ariovaldo recebeu um rádio do Coordenador do Projeto, solicitando que ele levasse o Sr. Jorge para a região da aldeia nova. Ariovaldo tinha sobrevoado a área e tinha a impressão que deve ser possível chegar a 6 ou 8 km de aldeia por carro (veja mapa anexo). Decidimos acompanhar o Sr. Jorge para testar esta hipótese e para verificar, uma vez por todas, se o grupo era ou não Nambiquara.

Dia 24/7 fomos a Vilhena, e dia 25/7 fomos bem cedo no Posto para epanhar o Sr. Jorge. Este, entretanto, tinha tanto receio de viajar que chegamos a desconfiar dos seus motivos. Finalmente concordou, viajando também conosco Marcelo e dois índios, Joaquim Calite e o seu filho Simão, que falavam as duas línguas mais prováveis--Sabanã e Nambiquara do Norte. Fizemos uma volta enorme, indo 20 km ao noroeste de Vilhena, entrando rumo sul-oeste, e voltando ao sudeste. Dormimos na aldeia dos Aikanã e no dia seguinte continuamos até a derrubada que está sendo feita na região do limite entre os lotes 54 e 64, do INCRA. Entrevistamos um dos donos destes lotes, Sr. Guido, tanto quanto seringueiros que conhecem bem a área. No outro dia, 27/7, entramos no mato às 7:00 horas e, apesar da ausência de qualquer picada, achamos a aldeia antes das 14:00 horas. Os companheiros do Posto conseguiram falar com os habitantes na língua Nambiquara do Norte e fomos recebidos com muitos presentes, que mal conseguimos retribuir, e passamos a noite na aldeia. (Veja fotografias anexas).

A aldeia era composta de sete casas, uma das quais encontrava-se vazia; o seu dono tinha morrido há dois dias. As outras abrigavam seis casais, um dos quais tinha três crianças, e outro, uma. A aldeia fica em campo limpo, onde cresce apenas um capim ralo e curto; as roças estão na mata, a grande distância. Os

índios dizem ter morado naquele local desde há muito tempo, afirmação atestada pelos muitos ossos de caça ao redor da aldeia. O local da aldeia seria nos lotes 34, 35, 44 ou 45, no alto Rio Capivara, e não nos lotes 27 ou 37, no Rio Mutuca, como parece no "Croqui da Gleba Corumbiara - Setor II", incluído no relatório de Delvair Melatti (1976a). A única outra tribo que estes Nambiquara conhecem são os Aikanã, que chamam mahalohndé, e os quais consideram como inimigos perigosíssimos.

Encontramos três pessoas com otite supurada, que às vezes resulta de gripe, e, de fato, uma pessoa ainda estava gripada. Desde a visita do Sr. Jorge, pelo menos duas pessoas tinham morrido: uma velha que aparece em suas fotografias, e o homem previamente mencionado. Estranhamos o fato deste grupo ter contraído gripe logo após o seu primeiro contato com os civilizados.

Para confirmar a afiliação lingüística do grupo, transcrevi algumas palavras. Isto foi muito mal feito, devido a falta de experiência dos índios como informantes lingüísticos. Entretanto, a comparação com Mmaindê, outro dialeto da língua Nambiquara do Norte, mostra claramente a afiliação (veja anexo).

Comprovado o fato dos índios do Rio Capivara serem Nambiquara do Norte, a sua assistência recai à competência do Chefe da região, Marcelo dos Santos. Ele pretende procurar um caminho mais curto para chegar à sua aldeia, descendo da BR-364 na altura do lugar chamado Cachoeira, não muito longe de Vilhena, em vez de rodar quase 200 km para subir do Rio Pimenta Bueno. Obviamente, uma área adequada, incluindo a aldeia, as roças e algumas áreas de caça, tem que ser interditada para proteger estes índios até que o seu estado de aculturação permita outras providências.

### C. OS AIKANÃ /MASAKÁ

De volta da aldeia nova no Rio Capivara, pernoitamos de novo na aldeia Aikanã, e tivemos a oportunidade de falar com o jovem líder do grupo, Manoel Vieira de Souza. Os problemas deste grupo são levantados muito bem pela antropóloga Delvair Melatti, cabendo, aqui, só acrescentar uma ou duas observações a mais.

Os Aikanã são conhecidos por tantos nomes diferentes que é importante frisar que constituem uma tribo só. Provavelmente seriam eles, sob os nomes Maba, Puxacá e Guajejú, que ajudaram a expedição de João Leme do Prado em 1769 (Castelnau 1851).



Rondon conheceu-os sob os nomes Malotundú (usado pelos Nambiquara) e Coaiá (usado pelos Kepkiriwat) (1916). Nordenskiöld descreve-os sob o nome de Huari, usado pelos Pauserna (1915). Snethlage chamou-os Masaká (1947), que é nome pessoal, e não nome de grupo. Becker-Donner descobriu que a sua autodenominação tribal é Aikanã (1955:276), fato confirmado agora por Manoel. Ele disse também que Mundê (Pickering 1968) e Kasupá (Bontkes 1967) são nomes pessoais. Atualmente, o grupo é conhecido pela população envolvente como Tubarões. Transcrevi um pequeno vocabulário com Manoel, que comparei em anexo com o "Masaká, Aikanã, Huari" de Becker-Donner. Os vizinhos tradicionais, conhecidos como Araras, moravam no Rio Pimenta Bueno entre Cascata e Vila Pimenta Bueno e possivelmente seriam idênticos à tribo conhecida na literatura como Salamay.

Os Aikanã, talvez por ficarem perdidos numa multiplicidade de nomes, talvez por não terem atraído a atenção pública com atritos clamantes, têm sido sistematicamente ignorados pelos órgãos competentes. O SPI deixou os Aikanã serem escravizados pelos seringalistas e a FUNAI deixou-os à mercê do INCRA. Este órgão presenteou a Manoel três lotes de cerradão, em troca das terras boas tradicionais, mais perto do Rio Pimenta Bueno. Esta transação aconteceu sem que a FUNAI fizesse nada para defender os índios. Agora, o INCRA alega que "não são mais índios 'autênticos', pois trajam-se à moda regional, falam fluentemente o português, possuem uma camioneta e adotaram grande parte de nossos costumes" (Melatti 1976b). O fato é que não são todos que falam o português; tentei falar com uma mulher que não entendia sequer uma palavra. A camioneta foi presenteada pelos fazendeiros e até Manoel não sabe cuidá-la, pois já capotou-a uma vez, e agora fundiu o motor. O grupo subsiste empreatado e por tirar seringa no sistema de aviamento, à mercê do monopolista da região, pois não tem mais outros meios para sobreviver. O estado de saúde é péssimo; morreram quatro desde a visita de Delvair Melatti em novembro passado e há vários casos de fogo selvagem, levando as suas vítimas implacavelmente à morte, sem tratamento algum.

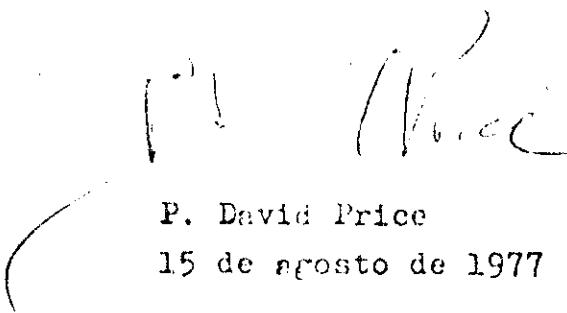
O Sr. Jorge planeja estabelecer-se na aldeia Aikanã, donde ele prestaria atenção à pequena aldeia Nambiquara e "pacificaria", com a ajuda dos Aikanã, outros grupos arredios, ao sul do Rio Pimenta Bueno. Ele me declarou que quando começa uma coisa, ele termina; e que agora ele vai "ajuntar aqueles danados todinhos."

10.

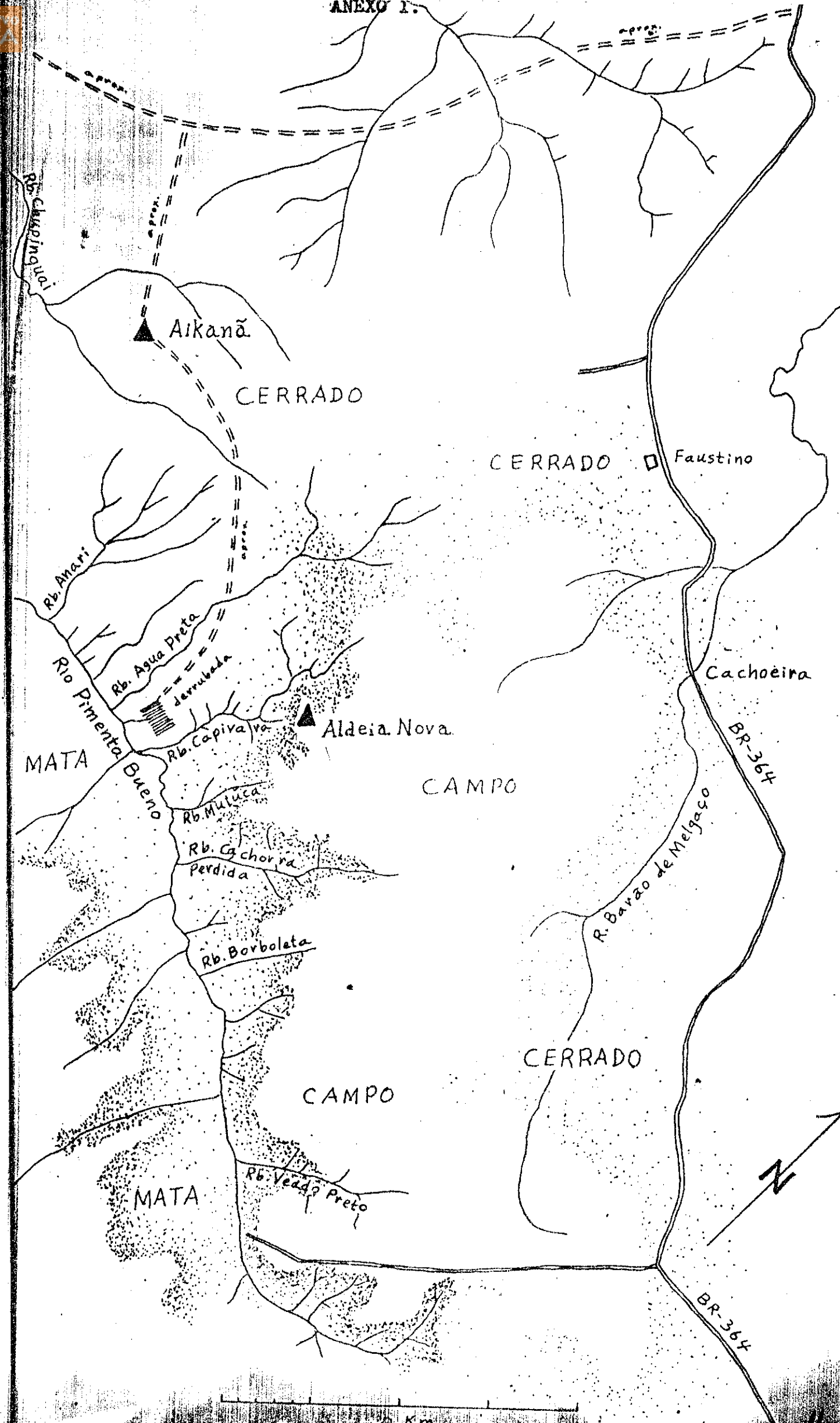
No P.I. Nambiquara, onde o Sr. Jorge reside há uns cinco ou seis anos, a sua atuação tem sido muito problemática. Ele não atende ao gado, o que deve ser de sua responsabilidade, e nem faz roça para a sua própria subsistência, mas manda os "caboclos" fazê-la. Ele vive arranjando intrigas, tanto entre os índios quanto entre o pessoal da DR, minorando assim a confiança de todos no próprio Chefe de Posto. Não é somente Marcelo que tem sofrido por estes maus hábitos, mas também os três Chefes de Posto que o precederam.

Era para sanar estes problemas que o Coordenador do Projeto pensou em lhe dar atribuições que o manteriam longe do Posto. Entretanto, já é evidente que ele não é capacitado para a difícil tarefa de manter os primeiros contatos com grupos arredios. Sendo assim, o Coordenador planeja restringir as suas atribuições à prestação de serviços médicos entre os Aikanã. Mas desde que ele me solicitou cortisona e morfina "para tratar de picada de marimbondo", nem confio muito em sua habilidade médica. Talvez seria melhor atender ao seu desejo de ser transferido, o que ele vem requerendo há vários anos.

Certo é que os Aikanã merecem algo melhor.

  
P. David Price

15 de agosto de 1977



Mapa detalhado do Município de Aldeia Nova, Estado de Pernambuco

<u>Português</u>	<u>Aldeia Capivara</u>	<u>Mamaindê (Kingston 1972)</u>
fogo	xi <sup>3</sup> ka <sup>3</sup> lin <sup>3</sup> n <sup>2</sup>	ek <sup>1</sup> tã. <sup>3</sup> dxu <sup>2</sup>
casa	sxi <sup>2</sup> hxa <sup>2</sup>	sih <sup>3</sup> dxu <sup>2</sup>
cabaça	k <sup>h</sup> au <sup>3</sup> w <sup>h</sup> ai <sup>3</sup> lu <sup>2</sup>	
machado	xe <sup>3</sup> hax <sup>3</sup> nin <sup>3</sup> txa	xeh <sup>3</sup> dxu <sup>2</sup>
arco	huk <sup>3</sup> ka <sup>2</sup>	hugx <sup>3</sup> dxu <sup>2</sup>
pauzinho	hi <sup>3</sup> ta <sup>3</sup> tu <sup>2</sup>	hiu. <sup>3</sup> da <sup>4</sup> -
pedra	txa <sup>3</sup> ha <sup>3</sup> ni <sup>2</sup>	dxah <sup>3</sup> ga <sup>3</sup> nin <sup>3</sup> dxu <sup>2</sup>
terra	ta <sup>3</sup> gih <sup>3</sup> ni <sup>2</sup>	sa <sup>3</sup> ginx <sup>3</sup> n <sup>3</sup> nã. <sup>3</sup> dxu <sup>2</sup>
água	na <sup>3</sup> ka <sup>3</sup> lu <sup>2</sup>	na <sup>3</sup> hon <sup>33</sup> dxu <sup>2</sup>
ceu	xoh <sup>3</sup> na. <sup>3</sup> li <sup>2</sup>	xoh <sup>3</sup> a <sup>4</sup> na. <sup>3</sup> dxu <sup>2</sup>
lua	e <sup>3</sup> le <sup>3</sup> hi <sup>2</sup>	xenx <sup>33</sup> dxu <sup>2</sup>
estrela	dãñ <sup>3</sup> gi <sup>3</sup> hi <sup>2</sup>	dxãñ <sup>3</sup> gi <sup>3</sup> dxu <sup>2</sup>
sol	nãñ <sup>3</sup> ka <sup>3</sup> nin <sup>3</sup> txu <sup>2</sup>	sõ. <sup>3</sup> ni <sup>3</sup> dxu <sup>2</sup>
dente	(txa <sup>2</sup> )wi <sup>3</sup> lhu <sup>2</sup>	-wi. <sup>3</sup> dxu <sup>2</sup>
nariz	(txa <sup>2</sup> )wi <sup>3</sup> lha <sup>3</sup> hũ <sup>3</sup> txu <sup>2</sup>	-mĩ. <sup>3</sup> xdxãt <sup>3</sup> ti <sup>3</sup> dxu <sup>2</sup>
olho	(nu <sup>2</sup> )i <sup>3</sup> ka <sup>3</sup> nin <sup>3</sup> txu <sup>2</sup>	-i. <sup>3</sup> ga <sup>3</sup> nin <sup>3</sup> dxu <sup>2</sup>
mão	(nu <sup>2</sup> )hi <sup>3</sup> wain <sup>3</sup> ka <sup>3</sup> lu <sup>2</sup>	-higx <sup>2</sup> dxu <sup>2</sup>
pé	yu <sup>3</sup> k <sup>h</sup> o <sup>3</sup> k <sup>h</sup> o <sup>3</sup> (h)i <sup>2</sup>	-yugx <sup>3</sup> dxu <sup>2</sup>
orelha	(nu <sup>2</sup> )sax <sup>3</sup> lan <sup>3</sup> txu <sup>2</sup>	-nã. <sup>1</sup> si <sup>3</sup> lxãnx <sup>1</sup> dxu <sup>2</sup>
boca	(nãñ <sup>3</sup> )yu <sup>3</sup> la <sup>2</sup>	-yu. <sup>2</sup> dxu <sup>2</sup>
fava	ka <sup>3</sup> ma <sup>3</sup> gnĩ <sup>2</sup>	
mandioca	t <sup>h</sup> ix <sup>3</sup> tin <sup>2</sup> nai <sup>2</sup>	linx <sup>33</sup> dxu <sup>2</sup>
milho	ka <sup>3</sup> yãt <sup>3</sup> txu <sup>2</sup>	ka <sup>3</sup> yãdx <sup>3</sup> dxu <sup>2</sup>
homem	en <sup>3</sup> txu <sup>2</sup>	enx <sup>33</sup> ni <sup>3</sup> dxu <sup>2</sup>
mulher	dxẽ <sup>3</sup> lhu <sup>2</sup>	dxẽh <sup>2</sup> ni <sup>3</sup> dxu <sup>2</sup>
comer	wi <sup>2</sup> gn kix <sup>3</sup>	yain <sup>33</sup> -
beber	nox <sup>2</sup> jau <sup>3</sup> lxu <sup>2</sup>	nã. <sup>2</sup> -
cantar	hain <sup>3</sup> txi <sup>3</sup> wi <sup>2</sup>	hain <sup>33</sup> -

ANEXO IV.

<u>Português</u>	<u>Aikanã</u>	<u>Masaká</u> (Becker-Donner 1955)
fogo	hinã	hínã
casa	keza	kãdã
cabaça	dãdãr	dũdũrã
machado	maderε?	mãtãrã
arco	ʒe?eri?	yũãrĩ
pauzinho	?ũ weyε?	wã
pedra	ha.ʒi	urorã
terra	hi?nũ?nũ?	hũngõnõ
agua	hãne <sup>ə</sup> ?	hãñã
ceu	i.we.rewa?	yã
lua	(w) iʒa?	nõnẽ'ĩ
estrela	mãʒũ.t <sup>h</sup> a.	yutã
sol	("igual lua")	dãrĩ
dente	mũy	mõĩ
nariz	k <sup>h</sup> ãnáwa	kãnúã
olho	k <sup>h</sup> ãmũnka	kãmúkã
mão	inna?	inẽ
pé	k <sup>h</sup> ãrεsã	kãrésã
orelha	k <sup>h</sup> ã?ninnul	kã'nĩgõ
boca	k <sup>h</sup> ãwa <sup>(h)</sup>	kã'nãnú
fava	ku.manda?	kunadã
mandioca	?iyãmp <sup>h</sup> uri.	nyãpurĩ
milho	ha.khi	ãkĩ
homem	xoreøa?	kulũ
mulher	tεtiya <sup>ə</sup>	dãtĩã
comer	k <sup>h</sup> ãwẽ	kãũãrã
beber	nãho.keøa?	õ'kena (Bontkes)
cantar	orowẽ	ũlũf'

Referências

Becker-Donner, Etta

1955 Notizen über einige Stämme an den rechten Zuflüssen des Rio Guaporé. Archiv für Völkerkunde 10:275-343.

Bontkes, Willem

1967 Vocabulário Kasupá. Manuscrito inédito no arquivo do Summer Institute of Linguistics, Brasília.

Castelnau, Francis de

1851 Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud ..., tome 3<sup>e</sup>. Paris: Chez Bertrand.

Kingston, Peter K.E.

1972 Formulário dos vocabulários padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras: Mamaindê. Arquivo do Summer Institute of Linguistics, Brasília.

Melatti, Delvair Montagner

1976a Relatório de viagem à Pimenta Bueno. Arquivo da FUNAI, Brasília.

1976b Delimitação de reserva: uma difícil tarefa. Manuscrito inédito.

Nordenskiöld, Erland

1915 Forskningar och Äventyr i Sydamerika. Stockholm: Albert Bonnens Förlag.

Pickering, Wilbur

1968 Formulário dos vocabulários padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras: Mundê. Arquivo do Summer Institute of Linguistics, Brasília.

Rondon, Cândido Mariano da Silva

1916 Conferências realizadas nos dias 5, 7 e 9 de outubro de 1915 pelo Sr. Coronel ... no teatro Phenix do Rio de Janeiro. . . . Publicação n. 42 da Comissão de Linhas Telegraphicas Estratégicas de Matto Grosso ao Amazonas. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger.

Snethlage, Emil Heinrich

1937 Atiko y: Meine Erlebnisse bei den Indianern des Guaporé. Berlin.